

Resoluções Políticas

8º Congresso do POM

25 e 26 de fevereiro de 2006.

Construção do POM como seção da Internacional Marxista

ABERTURA

Tiveram início as atividades saudando os presentes e lendo a carta da FLT, que segue transcrita.

Al Congreso del POM:

Camaradas:

Desde la Fracción Leninista Trotskista (FLT) –integrada por el CWG de Nueva Zelanda; la FT de Brasil, el ORI de Bolivia, el POI de Chile, la LTI de Perú y la LOI (CI) de Argentina- les enviamos un saludo internacionalista, y nuestros mejores augurios de que vuestro Congreso cumpla sus objetivos y sea una conquista para el proletariado latinoamericano y mundial. Creemos que ese es el objetivo que tiene que tener todo congreso de una corriente internacionalista.

Es indudable que vuestro Congreso tiene también el desafío de definirse sobre las propuestas programáticas, de campañas de acción y sobre los pasos a dar por el Comité de Enlace, para avanzar en cumplir con el compromiso que tomamos de luchar por poner en pie un centro internacional de reagrupamiento de las fuerzas sanas del trotskismo, es decir, una alternativa revolucionaria contra el Foro Social Mundial que en su reciente reunión de Caracas centralizó sus fuerzas contrarrevolucionarias para estrangular la revolución boliviana, y para contener a las masas de América Latina y de Estados Unidos.

Desde el Secretariado de Coordinación Internacional de la FLT enviamos entonces un saludo internacionalista a vuestro Congreso, y volvemos a reiterar al mismo las distintas propuestas de declaraciones y acciones comunes que hemos venido haciendo desde diciembre pasado. Esperaremos con ansiedad las resoluciones que sobre dichas propuestas y sobre cómo avanzar en la lucha por un centro internacional, tome vuestro Congreso soberano.

Los duros pero leales debates teóricos y programáticos que, al interior del Comité de Enlace, están establecidos con los camaradas del POM, serán sin duda la base para conquistar cimientos marxistas revolucionarios sólidos sobre los que poner en pie ese centro internacional de reagrupamiento por el que luchamos.

Con saludos revolucionarios e internacionalistas

Secretariado de Coordinación Internacional de la FLT

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Foi dado informe da ausência de Trincheira Marxista que tinha confirmado a presença e em última hora justificou a ausência em virtude de doença do camarada que estava para realizar a viagem. Constatou-se a sua ausência de CCR, que apesar de convidados não se posicionaram sobre o assunto.

Dando início aos trabalhos com a eleição de uma coordenação, passou-se a palavra aos participantes, que falaram sobre a

situação política Internacional, balanços das resoluções do VII Congresso e das resoluções e atividades do Comitê de Enlace.

Com referência as resoluções do VII Congresso se constataram seu acerto, apesar das discussões havidas no Comitê de Enlace não as terem priorizado, compreendidas e mesmo tido concordância das mesmas.

Que o acerto de nossa análise da situação política se dava exatamente em ter formulado que devido a avançada crise de

superprodução capitalista, ou seja, prolongamento do sistema capitalista em sua fase superior, imperialista.

Com o agravamento da crise histórica de direção do proletariado Internacional o mundo capitalista caminhava e caminha a passos largos no sentido do indicado por nossos teóricos e lutadores do movimento operário internacional de Socialismo ou Barbárie. Que o sistema capitalista da atualidade regride, ajustando o Estado a atual crise e agonia do capital. Nesta fase em que se encontra o sistema capitalista, o capital necessita destruir os Direitos históricos do proletariado mundial, conquistados na história pelo sangue e vida de milhares de mártires da classe operária. No lugar dos Direitos históricos a burguesia mundial e sua superestrutura fazem coro por assistência, solidariedade burguesa, esmolas, religião e mais religião, violência e mais violência, miséria, desemprego, fome e morte de grande parte do proletariado como sendo parte da destruição das forças produtivas em excesso. Que a terceira grande guerra imperialista não se instalou como da primeira e segunda, mas que devido a superioridade econômica e armamentista do império americano, apesar de decadente, impõem no planeta o estado de guerra permanente como um sintoma de sua superioridade econômica e militar, bem como, de resultado da fase da agonia do capital, capital financeiro, com sua produção e reprodução de forças destrutivas. Que o imperialismo americano tem implementado e desenvolvido o controle militar do planeta. Já o Movimento operário internacional se encontra na total defensiva, desorganizado e totalmente subordinado à política burguesa. Que com a ascensão do Stalinismo na dianteira da Revolução Russa, do “Socialismo em um só país”, com a não concretização da Revolução política assinalada por Leon Trotski, no sentido da retomada da Democracia operária e do poder dos Sovietes; que a volta destes Estados operários degenerados à economia capitalista da propriedade privada dos meios de produção, com a queda destes representado pela queda do muro de Berlim, se instalou uma grandiosa confusão no seio do movimento socialista internacional devido uma intensa campanha ideológica da burguesia mundial da falência do Marxismo e etc. Houve assim a transformação da burocracia “soviética” em classe dominante

e o stalinismo se conformando em total conformidade com a social democracia. Que nestas condições tivemos o agravante da passagem de um forte setor do Trotskismo com uma roupagem de radicais e de esquerda também para o campo da social democracia e a política de frentes populares. Desta forma formou-se um grandioso bloco de sustentação do capitalismo em agonia marchando à barbárie. Desta forma ampliou em muitos graus o papel nefasto desempenhado pela traição da social democracia por ocasião da traição da segunda internacional em 1914 e nas décadas que se sucederam e com a entrada em cena do Stalinismo dando ênfase ao constatado no programa de Transição da IV Internacional. De que a situação mundial no seu conjunto caracterizava-se, antes de mais nada, pela crise histórica da direção do proletariado. Com estes acontecimentos históricos o mundo do trabalho e o Movimento do proletariado Internacional (suas direções) pulsam pela política de conciliação de classe representada pela ampliação do bloco reformista, conciliador e defensor da ordem do capital representada pela social Democracia. Devido a agudeza da crise do regime capitalista levando em conta a crise econômica, o imperialismo (capital financeiro) tem se apoiado neste bloco dando ênfase à política de frentes populares não só no sentido de uma última saída para a administração do capital, mas também como política preventiva e de soluções de surpresas instintivas do Movimento proletário. Diante destes fatos, constata-se a situação de similitude da decadência do regime capitalista levando-se em conta os fatores objetivos com a crise e agonia do capital e quase que a decadência do Movimento operário (das suas direções) representada pelo bloco de conciliação que se formou entre Social Democracia, Stalinismo, suas variantes e a degenerescência de um vasto setor do próprio Trotskismo. Aderindo ao bloco e em disputa de sua direção em condições bastante favoráveis nesta disputa, comparece uma variante do nacionalismo burguês, representado por uma aliança de variantes Stalinistas (Fidel Castro), Chaves e a Revolução Bolivariana, agora fortalecida pela eleição de Evo Morales. Podemos afirmar que este bloco de conciliação de classes que falam em nome do Movimento Social Internacional se traduz como política no Fórum Social Mundial. Veja bem, na “atualidade do próprio

Marxismo” não se fala mais de Movimento operário e sim de Movimento Social. Que neste momento o capital está apostando como forma de desviar as massas em luta com esta política de frente popular, seja como última cartada, como fator preventivo ou como saída nas situações de desespero como constatamos na Bolívia.

Estes fatores acima descritos vão dando consistência às resoluções de nosso VII Congresso do papel da Social democracia como política e não simplesmente como última cartada do capital diante da prolongada crise de regime. Que o capital vai se moldando a administração deste no que podemos afirmar na fase da barbárie capitalista. A destruição dos Direitos Históricos do proletariado mundial, conquistado pelo sangue e às custas de muitas lutas e vidas de nossos mártires. Em lugar destes direitos históricos o capital em santa aliança com a Social Democracia e como política deste vai conformando-se em substituí-los pela caridade, solidariedade e da benevolência capitalista. Vale dizer que cumpre papel quase de vanguarda desta política o cristianismo e a intelectualidade pequeno-burguesa. Esta segunda corrente comparece nas

Universidades como fundamentos científicos da “atualidade do Marxismo”.

Desta forma temos uma monstruosa crise do regime capitalista em relação aos fatores econômicos e uma também monstruosa crise das direções do Movimento operário de forma que o capital, apesar da crise, possui supremacia e folga na condução de sua sobrevivência, em outras palavras, está na total ofensiva graças a traição, revisionismo, confusão teórica e a desorganização do movimento operário Internacional.

O desafio do Movimento do Proletariado Revolucionário Internacional é o de que: com os olhos, ouvidos e o tatear da realidade objetiva e subjetiva, com o método do materialismo histórico e dialético, no caldeirão da luta de classe, vencer nas formulações do arcabouço teórico e assim e juntamente com o movimento prático (teoria e prática) ir retomando o lugar na história, colocando assim o Movimento operário Internacional em similitude não mais com a crise do capital, mas sim, em relação ao instintivo da classe operária nascida dos escombros do feudalismo e da ascensão da burguesia e o regime capitalista.

SITUAÇÃO POLÍTICA

Dando seqüência a análise da situação política, o VIII Congresso do POM constata que, no modo de produção capitalista as forças produtivas alcançaram um desenvolvimento jamais visto e imaginado, constatação já realizada em 1848 por ocasião da escrita do primeiro programa operário que o Movimento Internacionalista do proletariado moderno conheceu, o Manifesto Comunista de Marx e Engels, que afirmava: *“Impelida pela necessidade de dar cada vez maior saída aos seus produtos, a burguesia invade o mundo inteiro. Necessita implantar-se por toda a parte, explorar por toda a parte, estabelecer relações por toda a parte”*.

“A burguesia, com a sua dominação de classe, que conta apenas com um século de existência, criou forças produtivas mais abundantes e mais grandiosas que todas as gerações passadas tomadas em conjunto. A subjugação das forças da natureza, as máquinas, a aplicação da química à indústria e à agricultura, a navegação a vapor, os

caminhos de ferro, os telégrafos elétricos, a exploração de continentes inteiros, a canalização dos rios, populações inteiras brotando da terra como por encanto - que século passados teria suspeitado que semelhantes forças produtivas estivessem adormecidas no seio do trabalho social?

Vimos, pois, que os meios de produção e de troca, sobre cuja base se formou a burguesia, foram criados no interior da sociedade feudal. Ao alcançar certo grau de desenvolvimento, estes meios de produção e de troca, nas condições em que a sociedade feudal produzia e trocava, toda a organização feudal da agricultura e da manufatura, numa palavra, as relações feudais de propriedade, deixaram de corresponder às forças produtivas em pleno desenvolvimento. Entravavam a produção em lugar de impulsioná-la, transformaram-se em outras tantas cadeias que era preciso despedaçar e foram despedaçadas.

Em seu lugar estabeleceu-se a livre concorrência, com uma constituição social e

política apropriada, com a supremacia econômica e política da burguesia.

Assistimos hoje a um processo semelhante. As relações burguesas de produção e de troca, o regime burguês de propriedade, a sociedade burguesa moderna, que fez surgir tão poderosos meios de produção e de troca, assemelha-se ao feiticeiro que já não pode controlar as forças internas que pôs em movimento com suas palavras mágicas. Há dezenas de anos, a história da indústria e do comércio não é mais do que a história da revolta das forças produtivas modernas contra as atuais relações de produção e de propriedade que condicionam a existência da burguesia e a sua dominação. Basta mencionar as crises comerciais que, com o seu retorno periódico ameaçam, cada vez mais, a existência de toda a sociedade burguesa. Cada crise destrói regularmente não só uma parte considerável dos produtos já criados, mas ainda uma grande parte das próprias forças produtivas já existentes. Uma epidemia, que em qualquer outra época teria parecido um paradoxo, desabando sobre a sociedade - a epidemia da superprodução. Subitamente a sociedade vê-se reconduzida a um estado de barbárie momentânea: dir-se-ia que a fome ou uma guerra devastadora mundial a privaram de todos os meios de subsistência; a indústria e o comércio parecem aniquilados. E tudo isto por quê? Porque a sociedade possui demasiada civilização, demasiados meios de vida, demasiada indústria, demasiado comércio. As forças produtivas de que dispõe não servem já o desenvolvimento da civilização burguesa e das relações de produção burguesas; pelo contrário, tornaram-se demasiado poderosas para estas relações, que constituem um obstáculo ao seu desenvolvimento; e todas as vezes que as forças produtivas sociais vencem este obstáculo, precipita na desordem toda a sociedade burguesa e ameaçam a existência da propriedade burguesa. As relações burguesas tornaram-se demasiadas estreitas para conter as riquezas criadas no seu seio. Como é que a burguesia consegue vencer estas crises? Por um lado, destruindo pela violência uma grande quantidade de forças produtivas, por outro lado, pela conquista de novos mercados e pela exploração mais intensa dos antigos. A que conduz isto? A preparar crises mais gerais e

mais violentas e a diminuição dos meios de evitá-las..

“As armas de que a burguesia se serviu para derrubar o feudalismo voltaram-se agora contra a própria burguesia”.

Desde este acontecimento histórico até nossos dias as forças produtivas, a Sociedade, a luta do proletariado, a luta de classe em si, tiveram fundamentais transformações. A teorização sobre os caminhos de uma nova Sociedade, mesmo do Socialismo tiveram também fundamentais transformações, divergências e desvios.

Os jovens Marx e Engels admirados pelo esplendor do desenvolvimento das forças produtivas, como cientistas políticos e teóricos, desde sua juventude, puderam diagnosticar com precisão a força do desenvolvimento alcançado, bem como, as contradições que já nesta ocasião apontavam para o mesmo desfecho tido pela Sociedade anterior, o Feudalismo. Essas contradições fragorosas, a concentração do capital em poucas mãos e a mais ampla miséria entre as massas, a alta capacidade produtiva e a mínima condição de poder de compra para adquirir tal produção, a estreiteza dos mercados, fenômeno que os jovens teóricos constataram como sendo próprio da sociedade capitalista regida pela propriedade privada dos meios de produção. A par do desenvolvimento do capitalismo e suas contradições Marx e Engels fundamentaram todo esplendor revolucionário instintivo presente na classe operária nascida com o capitalismo (os proletários modernos).

Os jovens autores já apontaram para a formação dos monopólios e o minar da livre concorrência apregoada pelos burgueses transformados em classe dominante.

Os dois jovens Revolucionários acreditavam e não esperavam que o capitalismo fosse sobreviver tanto tempo, esperavam a revolução proletária com o desenvolvimento revolucionário da classe operária Inglesa, Francesa, alemã, enfim, dos países desenvolvidos. Tal análise não se constatou fora do contexto, pelo contrário, os acontecimentos da Comuna de Paris em 1871 deram prova da visão dos autores. Marx e Engels foram além, inclusive do demonstrado pelo desenvolvimento das forças produtivas em sua época na escala mundial.

Coube aos teóricos da classe operária da geração seguinte, palpando o desenrolar do desenvolvimento das forças produtivas e do capitalismo dar prosseguimento às análises. Coube a Trotski já em 1905 dar seqüência na análise inicial de Marx sobre o caráter da revolução, desenvolvendo assim a teoria da Revolução Permanente. A Lênin coube dar seqüência as análises da acumulação do capital, dos monopólios e da fusão do capital bancário com o capital industrial, originando o capital financeiro. Coube ainda a Lênin desenvolver o iniciado por Marx em relação à organização da classe para si, ou seja, a teoria e a forma de organização do Partido Revolucionário do Proletariado Internacional. Esta forma de organização ficou conhecida na história como a organização Bolchevique de Partido. Assim como Marx e Engels que presenciaram pela primeira vez na história a tomada do poder pela classe operária, mesmo que por pouco tempo em 1871, Lênin e Trotski viveram e puderam dirigir a Revolução que pôs finalmente um marco no Movimento operário Internacional.

Da mesma forma que os dois primeiros teóricos estavam esperançosos na vitória da Revolução Proletária em curto espaço de tempo, Lênin e Trotski, bem como todos os revolucionários do período pós revolução Russa até o 2º Congresso da III Internacional acreditavam e sentiam toda uma ofensiva do movimento do proletariado Internacional. Trotski, após toda a traição da Revolução Russa escreve em 1938 o Programa de Transição. Apesar de fundamentar tal programa como uma transição, através de um plano de reivindicações transitórias para servir de ponte para a organização da classe operária como classe para si e para a revolução – transformando assim a situação pré-revolucionária devido aos fatores objetivos da revolução em situação revolucionária, com a presença do fator subjetivo da revolução (o Partido Marxista)– estava o autor totalmente esperançoso quanto ao desenvolvimento da IV Internacional. Escrevendo em 1937, por ocasião dos noventa anos do manifesto, que, ao se comemorar o seu centenário, a IV Internacional seria a força revolucionária determinante em nosso planeta.

A classe operária se organizava, se politizava e acumulava experiência. A burguesia mundial se reorganiza, já em 1921 vai retomando a dianteira da situação política,

vários planos de socorros aos países capitalistas em dificuldades, principalmente na reconstrução dos efeitos da guerra são planejados e executados minuciosamente aos interesses do imperialismo vencedor. Nesta ocasião a burguesia contava com a corrente política herdada da II Internacional que apoiaram os créditos para a burguesia imperialista desfechar a 1ª grande guerra mundial de rapina, por mercado e anexações. A traição da II Internacional veio a cimentar base sólida que aos poucos foram se constituindo em esteios da grande burguesia mundial. Os teóricos revolucionários da classe operária Internacional não contavam que se ergueria em escala mundial uma fortaleza burguesa no seio do movimento operário capaz de sustentar este regime decadente, mesmo em sua barbárie.

Com o advento do capital financeiro, resultado da fusão do capital bancário e industrial, com o capital bancário agindo já em fusão com o industrial e, como capital financeiro, dirigindo e se adornando das indústrias, este capital agora não mais interessava somente os juros, mas sim, este próprio e muito mais, necessitava e se tornou uma alavanca na conquista de mercados e povos, através da compra e dominação financeira. Dominou nações e vastas regiões do planeta, corrompeu ainda mais uma grande parcela do movimento operário, principalmente o operariado dos países ora imperialistas, desenvolvidos e donos do capital financeiro potenciado através da exploração financeira e da mais-valia extraída do operariado mundial. Com esta magnitude pôde corromper e comprar, dar um nível de vida diferenciado à classe operária destes países. Desta forma, o movimento operário mundial presenciou levantes nos países de economia desigual e combinado, atrasado, de desenvolvimento tardio e ditado pelo capital financeiro em detrimento de movimentos nos países desenvolvidos.

A corrente burguesa no seio do movimento operário, a social democracia se viu fortalecida com o apoio do operariado dos países imperialistas, uma verdadeira aristocracia operária se forma.

Com a traição da revolução Russa e a ascensão dos anseios pequeno-burgueses representados por uma corrente e uma política que se denominou Stalinismo. Com o Socialismo em um só país, a destruição da

democracia operária e dos Sovietes, falando em nome do Marxismo. Com a não retomada da direção do Estado Soviético pelo proletariado Internacional não cumprindo assim o formulado por Trotski da necessidade da Revolução política e a volta do poder dos Sovietes e da Democracia Operária. Com a ascensão do Stalinismo, desta corrente que usurpou a Revolução Russa, como uma cadeia de burocratas que assumiu em primeiro lugar o papel dos burgueses proprietários dos meios de produção privados conformando no Estado Operário degenerado. Com os meios de produção centralizados e em poder de um Estado que ainda permanecia operário, porém, degenerado, traído; usurpou a Revolução proletária mundial, falou em vosso nome e cometeu em nome desta as maiores barbaridades da história, já nos primeiros meses após esta traição, Trotski já formulava e reivindicava junto ao movimento Socialista Internacional a necessidade do operariado Russo e mundial retomar as rédias do processo revolucionário e para isto: deveria protagonizar uma revolução política, retomar o Estado Soviético para os Sovietes, expulsar a burocracia e retomar a democracia operária e o Internacionalismo proletário, caso contrário a burocracia que fazia o papel de entrave dos meios de produção como da existência da propriedade privada. Afirmava Trotski que caso não fosse o proletariado mundial capaz de realizar esta revolução política, estes Estados operários degenerados retornariam como Estados capitalistas (ver Revolução traída, Revolução desfigurada, Programa de Transição de Leon Trotski).

Os crimes do Stalinismo com o assassinato dos principais quadros da vanguarda proletária mundial, a destruição da Internacional Comunista acabou por esta corrente política denominada de Stalinismo sendo responsável por dois fenômenos que iriam potenciar ainda mais a social democracia como instrumento formidável para a grande burguesia mundial manter a ofensiva e o próprio capitalismo, decadente, em crise permanente, com suas guerras e a caminho da barbárie (regressão histórica dos Direitos Sociais) por um lado, e por outro, a burguesia se mantendo com folga na ofensiva política.

Com a volta dos Estados operários degenerados do Leste Europeu simbolizados

pela queda do muro de Berlim a grande burguesia mundial faz deste fato um instrumento e uma arma ideológica contra o próprio marxismo.

A grande burguesia dá um salto de qualidade em seu favor, transformando os burocratas Stalinistas do “socialismo” em um só país, assassinos e traidores pró-burgueses, em burgueses capachos e os Estados operários degenerados, em Semi-colônias do imperialismo americano e europeu. Não só isto, a social democracia que já era forte e sustentáculo do capitalismo agonizante no seio do movimento operário acabou ganhando mais dois aliados orgânicos. O Stalinismo, que já era parceiro da burguesia como burocratas do Estado operário degenerado, com o semear da confusão política e as pressões ideológicas pós-queda do muro de Berlim se juntou com armas e bagagem com a social democracia. A ofensiva do capital se mostrou vigorosa ao ponto de um forte setor do Trotskismo que já se apresentavam como burocratas nos Sindicatos e revisionistas na construção partidária, auxiliares também da sustentação burguesa a se aliar à social democracia reforçando o campo das frentes populares. Assim, Sociais democratas clássicos, o Stalinismo e agora um setor do Trotskismo deram-se as mãos e juntos e “separados” dão forma ao capitalismo agonizante (barbarizado), porém, na mais brutal e folgada ofensiva, graças a santa aliança dos sociais democratas nas suas mais variadas posições, stalinismo e trotskismo degenerados.

A crise do sistema capitalista em sua fase superior, na fase imperialista multiplicou em dezenas e talvez centenas de vezes a situação e contradições descritas pelos jovens teóricos do movimento operário internacional. A epidemia das crises de superprodução que enfrentava o capital na fase do capitalismo de livre concorrência se viram agravadas. Com o advento do capital financeiro, com a continuidade do desenvolvimento tecnológico dos meios de produção pelas forças criadoras da humanidade, com a manutenção da propriedade privada dos meios de produção as forças produtivas se repartem e chocam entre si. De um lado os meios de produção (maquinaria e fábricas) continuaram o desenvolvimento sem par. A capacidade produtiva triplicou, as máquinas estão prontas mesmo à substituírem a mão de obra operária e o fazem em grande parte delas (a Wolkswagen

do Brasil, Planta Anchieta SBC tinha em seus quadros na década de 80 - 40 mil funcionários produzia uma terça parte dos carros que produz hoje com 12 mil funcionários). Alguns ramos de produção se destacam, alguns países como, por exemplo, a China que combina a mão de obra em super exploração com uma economia centralizada pelo Estado (capitalismo de Estado) alcança um desenvolvimento e crescimento chegando a casa dos 10% ao ano.

O mundo capitalista de nossos dias, sua economia levando-se em conta o conjunto da economia mundial em sua fase imperialista contrasta-se com uma monstruosa capacidade produtiva e incapacidade de poder de compra, com uma monstruosa briga por mercados de consumidores. Hoje, o mercado se restringe praticamente aos setores destinados a uma elite (tornam-se mais restrito e assim mais aguda a luta por este). Ainda prevalece o fenômeno apontado pelos dois jovens autores do Manifesto Comunista (crise de superprodução) como causa principal, agravada pelo desenvolvimento dos meios de produção e retrocesso das forças produtivas, levando-se em conta o papel desempenhado nestas, pelo proletariado.

Esta contradição fundamental é a base das guerras imperialistas, esta contradição fundamental é motivo do imperialismo necessitar da guerra permanente, esta contradição fundamental é a base do desenvolvimento do capital financeiro e com este o poder destrutivo, como produção destrutiva. As forças destrutivas que construíram e constroem o capital financeiro são justamente devido ao fenômeno contraditório engendrado pelas relações de produção capitalista, ou seja, a apropriação individual da produção social e coletiva devido a propriedade privada dos meios de produção e sua exploração pelos capitalistas.

O capital imperialista não tem fronteira e não pode tê-la, pois, com a decadência financeira de parte das forças produtivas (do proletariado) os mercados de consumidores se escasseiam. Funciona como se estivéssemos no período da escravidão brasileira em que o próprio imperialismo Inglês forçou o fim do regime da escravidão clássica, pois este necessitava de mercado para desovar suas mercadorias e o trabalho assalariado com os escravos modernos na definição de Marx resultaria neste mercado. Hoje, com o

capitalismo em sua fase superior e rapidamente desenvolvendo os traços da barbárie capitalista a escassez de mercado consumidor é tamanha levando-se em conta o grau de capacidade produtiva dos meios de produção. A tal da ideologia da globalização responde a este fenômeno. Uma força contraditória agrava este fenômeno de no âmago da crise de superprodução. O excesso de mercadorias leva a uma diminuição da taxa de ganância e aumenta a necessidade do capital financeiro em entrar em ação, outra vez rompem-se as fronteiras nacionais e fundamenta o poder do capital destrutivo.

Este fenômeno de superexploração capitalista em sua fase superior, imperialista, da necessidade de aumentar as taxas de ganância, de aumentar os saques das matérias-primas, das fontes de riquezas naturais, do petróleo etc., de ampliar o mercado consumidor e a dominação e exploração imperialista sobre as Colônias e as Semi-Colônias tem levado a formação dos blocos econômicos imperialistas (amplitude da guerra comercial) e guerra bélica permanente por mercado, matérias-primas e como força destrutiva. Como resistência e culminando em defesa do regime do capital esta ofensiva do capital financeiro tem propiciado o fenômeno do ressurgimento de uma espécie de nacionalismo (“anti-imperialismo”), principalmente na América e nos países do Oriente Médio, levantando uma oposição ao imperialismo, principalmente ao imperialismo americano, na América: com Fidel, Chaves, Morales conformando uma direção de um tipo de nacionalismo mesclado com uma revolução bolivariana. No Oriente Médio fez levantar a força religiosa dos mulçumanos e os ataques guerrilheiros na forma do Terror.

Este fenômeno do ressurgimento do nacionalismo, representado por Chaves na Venezuela, agora Evo Morales na Bolívia, veio incrementar o bloco de contenção capitalista. Juntamente e entrelaçado com o Stalinismo Castrista em aliança com setores da social democracia exatamente a que conta com base operária e popular como é o caso do PT brasileiro (seu setor sindical, CUT e MST e vastos setores do movimento popular). Com a aderência do trotskismo degenerado e revisionistas tem este bloco, podemos dizer, o bloco do Fórum Social Mundial por “um mundo novo é possível”, arregimentado jovens

e um vasto setor do movimento operário, camponês e popular com uma consigna antiimperialista vaga, no entanto, se servem como retaguarda da manutenção da ordem burguesa e do capitalismo em agonia.

Assim, a monstruosa crise capitalista e a barbarização da Sociedade contrasta com o agravamento da crise de direção do proletariado mundial, tornando ainda mais visível e exato a formulação do programa de transição de Trotski de que a crise da humanidade se resume na crise da direção do proletariado.

Vale dizer que o avançar da crise capitalista e sua agonia que atinge inclusive os países imperialistas e com isto a precarização e a perda das condições e do nível de vida da classe operária destes países, tem feito ressurgir também o movimento da classe operária dos países desenvolvidos, imperialistas que começam a entrar na sena política.

O grave da situação política é de que estes setores da classe operária como acontece com o movimento da marcha de um milhão nos EUA acabam por se enfileirarem por traz no nacionalismo burguês e do anti-imperialismo Stalinista de Fidel, sem com tudo colocar-se a favor e incorporam-se ao Internacionalismo proletário e a necessidade do fim da exploração capitalista e como consequência o fim da propriedade privada dos meios de produção.

A classe operária americana, os negros, o movimento das mães dos soldados exigindo a

volta de seus filhos, os setores de transportes levantam-se contra a guerra, pela defesa dos Direitos e por melhores condições de vida. Os operários franceses levantam-se contra os planos governamentais de por fim aos direitos sociais, como o previdenciário e a extensão da jornada de trabalho de 35 para 40 horas, a juventude francesa e os filhos dos imigrantes se levantam em uma batalha contra a repressão e racismo. Os operários da ex-Alemanha Oriental migram diariamente em procura de trabalho e emprego para a atual capital Alemã, Berlim ocidental. No entanto, não encontram um véis revolucionário, visto que está ausente na atual situação política Internacional, mesmo que embrionariamente, uma organização que corresponda. O que temos é o anti-imperialismo Stalinista de Castro, da pequena burguesia, do revisinismo do marxismo nas suas várias matizes, o nacionalismo antiimperialista de Chaves e agora de Evo Morales e a bravura dos Mulçumanos. O mundo árabe se vê constringido a luta incessante, as constantes invasões imperialistas e a atual ocupação do Iraque e Afeganistão têm enfrentado uma resistência mortal por parte das várias tribos e etnias dos povos mulçumanos. Na Ex-União Soviética o Movimento é contido ao poder das baionetas, toda a região está mergulhada em uma absoluta barbárie, o resultado da volta ao capitalismo se deu, transformando os Estados da Ex União Soviética em Semi-Colônias do imperialismo Europeu e Americano.

A CRISE HISTÓRICA DE DIREÇÃO DO PROLETARIADO INTERNACIONAL E AS SALVAGUARDAS DO CAPITALISMO PUTREFATO

A traição da Revolução Russa, o desenvolvimento do Stalinismo, os crimes deste; o rompimento com o poder dos Sovietes; o avanço da burguesia mundial em termos ideológicos, como consequência da traição e do Stalinismo e a volta dos países de Estado Operários degenerados ao capitalismo; a desorganização das fileiras Marxistas no movimento operário, com capitulações, revisões e reprodução de seitas e de frentes populares, o predomínio da democracia formal mesmo no Movimento e Organizações que se intitulam de “marxistas”; o avanço da crise de superprodução capitalista e a decadência total

deste regime da apropriação individual da produção social, consequência da propriedade privada dos meios de produção; tem levado a humanidade teleguiada pela burguesia mundial capitalista em sua fase imperialista, a criar condições políticas e mesmo material no sentido da convivência “não pacífica” (adequação do Estado ao estágio da crise capitalista) com a barbárie. As conquistas históricas do proletariado Internacional se vêem trocadas pela escravidão capitalista, em sua total decadência e em sua fase de barbárie.

Assistimos por um lado à burguesia mundial golpear os direitos históricos, os

serviços públicos, rebaixar os salários e o nível de vida das massas a níveis nunca visto; o desemprego crônico virou sinônimo da informalidade, dos bicos, da mendicância, da prostituição dos menores pela mais potente violência aos mínimos direitos ao desenvolvimento social. Os Direitos Históricos fora trocados mesmo pela violência (escravidão na barbárie capitalista) e pelo antídoto do próprio regime, a caridade, solidariedade e benevolência capitalista. Os esteios da “civilização” em que deu continuidade e conduziu o regime capitalista continuam intactos: A “democracia”, a ditadura do capital, a militarização do planeta, seus exércitos e com: cada vez mais polícia e polícia, guardas e guardas, na “legalidade” e no fascismo. O culto aos mitos transportando e secularizando culturas, heróis, deuses; as leis, os parlamentos e o regime de representação tornam possível mesmo que totalmente em equilíbrio precário à manutenção deste regime em decomposição, que de guerra em guerra, de retirada de direitos e de aniquilamento e destruição de forças produtivas vão dando respiração artificial à barbárie capitalista.

O transcendental apoio e divisor de águas na manutenção deste regime decadente que se somam de forma particularizada às superestruturas da classe dominante são os partidos políticos, tantos os liberadamente burgueses e principalmente os pequeno-burgueses, travestidos de socialistas, de poder popular, democrático, antiimperialistas, de participação popular, das maiorias, das minorias, dos sindicalistas, dos irmãos, da ordem, dos nacionalistas, dos libertários, dos trabalhadores, do Movimento ao Socialismo, etc. e etc.

O transcendental divisor de águas que mantêm este regime em total decadência, porém, respirando a custa de sangue, da violência absoluta, da fome e da miséria é a ausência de um genuíno Partido Operário Marxista, regido pela Democracia Operária (Centralismo Democrático) com direito a fração e tendências internas), um partido programa, programa que reflita os interesses históricos do proletariado mundial.

Na ausência desta ferramenta histórica vimos a burguesia utilizar-se de todas as gamas de Partidos assentados no Movimento operário, camponês e popular no sentido de conter a explosão das massas, de domesticar o

Movimento, enquadrá-los na ordem burguesa, de desviá-lo de sua missão histórica. A burguesia tem se utilizado destes partidos com o apoio da Santa Madre Igreja. Recorrendo e tolerando com maior frequência mesmo as frentes populares e ainda com maior descompasso, aos bonapartistas nacionalistas, como Chaves, ou com negociações/pressões e embargos como o caso de Fidel Castro que esperneia com seu socialismo em um só país (Stalinismo) e a abertura da economia para os capitais imperialistas. Do PT brasileiro, que através do governo corrupto de frente popular de Lula/PT pró-imperialista, do capital financeiro que conseguiu superar seu antecessor FHC que era totalmente imperialista, nas reformas imperialistas, visto que conta com base social nos Sindicatos e Movimentos como MST e etc. Superou o seu antecessor nas bondades ao capital financeiro com a política de juros altos e propiciando aos dirigentes deste capital, os bancos super lucros acima dos já monstruosos lucros do governo de FHC em 28,4%, uma façanha nunca visto na história do Brasil. Tem a burguesia mundial se servido ao ponto de não se titubear em apoiá-lo em preferência aos outros candidatos também burgueses e imperialistas que almejam a disputa das próximas eleições. A sustentação da política imperialista dos Sindicatos Operários e do Movimento camponês e popular é exatamente o que busca o regime capitalista na sua fase imperialista e na sua agonia. Podemos ver claramente na Bolívia com Evo Morales de como se utilizou a burguesia de uma organização poli-classista e de um caudilho nacionalista burguês para conter e golpear o Movimento de massas. Para golpear as massas nas ruas e em armas, para golpear os Sovietes (nos cabildes e Assembléias Populares).

Analizamos um pouco o que pretende e promete este caudilho boliviano que se tornou moda na Bolívia para conter o incansável Movimento Operário, camponês e popular boliviano.

Antes de nos ater aos aspectos programáticos de Evo Morales cabe ressaltar que desde 1952 desenvolveu-se na Bolívia a organização de um Partido (POR). Este partido pretendeu representar o Trotskismo, que elegeu com estratégia apesar da defesa constante da Ditadura do Proletariado uma variante de frente popular sob uma visão esquerdista representada

pela Frente Revolucionária Antiimperialista, se assentou totalmente na pequena burguesia das cidades, apesar da defesa da ditadura do proletariado e da política desta com a supremacia do Movimento Operário. Assim como o Stalinismo, usou do método da calúnia para desmoralizar e impor a política e disciplinar o Partido à personalidade do dirigente máximo. Analisavam os Poristas, que na Bolívia as massas tinham esgotado as ilusões eleitorais, que a Bolívia tinha-se Trotskizado. Com toda a efervescência do Movimento Operário e Camponês boliviano que já por várias vezes se colocaram na dianteira da situação política em verdadeiras

situações revolucionárias, porém, apesar de contradizer o POR, sem a presença do Partido Marxista. Uma vez que, a estratégia deste foi cambiada para uma variante de frente popular a FRA exatamente ao contrário do consignado nas Teses do Oriente (IV Congresso da III Internacional). De instrumento de separação e desmascaramento do nacionalismo e do Stalinismo deram a estas, instrumento de vossa ascensão e manobra a favor da burguesia.

Segundo dados oficiais da Bolívia, 84% da população inscrita para votar compareceram às urnas em que elegeram a Evo Morales.

PROGRAMA DA REVOLUÇÃO BOLIVARIANA DE *EVO MORALES*:

Uma Assembléia Constituinte para unir os bolivianos, uma Assembléia Constituinte a onde se represente as diversidades.

Paralelamente à Constituinte garantir o Referendo sobre a autonomia. Queremos autonomia aos povos indígenas.

Porém, queremos autonomia com solidariedade, autonomia com reciprocidade, autonomia que restitua as riquezas, autonomia para os povos indígenas, para as províncias, para as regiões. Buscamos isto e só conseguiremos unindo a Bolívia e isso mediante a Assembléia Constituinte.

Quem será esta Assembléia Constituinte? Estou convencido: Se este novo parlamento que é produto das lutas sociais responde ao povo boliviano, este parlamento será o exército da libertação nacional; este parlamento será o exército da luta pela segunda independência. Se isto não ocorrer, seguirá nas mãos dos movimentos sociais, do movimento indígena que seguirá lutando por essa segunda independência de nosso país.

Que bom seria, com a presença da comunidade internacional, dos organismos internacionais, de nossos presidentes presentes e não presentes refundarmos a Bolívia, como disse na Espanha, um novo pacto social. Temos que chegar a isso e o conseguiremos através da Assembléia Constituinte.

Não queremos ser um Estado mendigo, lamentavelmente nos converteram em

mendigos; não queremos que Bolívia e seu governo, sua equipe econômica viva de pedir esmolas aos Estados Unidos, Europa e Ásia. Queremos que isto termine e para que termine estamos obrigados a nacionalizar nossos recursos naturais. O novo regime econômico de nossa Bolívia deve ser fundamentalmente calcado nos recursos naturais e isso se dará na Assembléia Constituinte.

Não somente Nacionalizar por nacionalizar. Seja o Gás natural, petróleo ou mineral florestal, más sim temos a obrigação de industrializá-los.

Por isso temos um desafio, um desejo, uma proposta para todos, sejam militantes do MAS ou não. Se somos desta terra, desta pátria, de nossa Bolívia, temos a obrigação de industrializar todos nossos recursos naturais, para assim sairmos da pobreza.

Irmãos bolivianos, estimados parlamentares e todas as instituições e movimentos sociais, nesta primeira etapa iremos aplicar uma forte política de austeridade. Não é possível que o salário básico seja 450 bolivianos e os parlamentares que ganham mais de 20.000 bolivianos, não é justo que o presidente ganhe 27.000 bolivianos e o salário básico seja 450 bolivianos. Por uma questão moral, por nosso país somos obrigados a rebaixar em 50% o nosso salário.

Travaremos uma dura luta contra a corrupção e os caixas dois.

Também quero dizer estimados congressistas de como mudar a política sobre a terra. Quero dizer-lhes que terras produtivas que estão produzindo e prestam uma função social econômica serão respeitadas. Se 1.000 hectares, 2.000 hectares, 3.000 ou 5.000 hectares. Porém, se estas terras que só servem para valorizar e negociar, essas iremos reverter para o Estado para redistribuir a terra à gente que não tem terra.

Seria melhor se antes se reverta estas terras por Lei ou por decreto, mediante o diálogo, esses que adquiriram terras improdutivas seria melhor devolvê-las ao Estado mediante o diálogo e desta maneira resolver estes problemas de terra.

Acabarmos com o analfabetismo.

Saudamos os pré-acordos com o governo Cubano, saudamos os pré-acordos com o governo de Venezuela, dispostos a nos ajudar com técnicos para assim pormos fim ao analfabetismo.

Construção de estradas de ligação e asfaltamento das estradas existentes.

Política de financiamento e de desenvolvimento dos micros e pequena empresa. Criação de um Banco de fomento para o desenvolvimento do povo boliviano, apoiar as empresas comunitárias, apoiar as Cooperativas, Associações dos micros e pequenas empresas.

Queremos dizer a Comunidade Internacional que a droga, a cocaína e o narcotráfico não são a cultura andina amazônica. Lamentavelmente este mal nós temos importado e temos que acabar com o narcotráfico, temos que acabar com a cocaína, não a coca zero e sim apostemos na cocaína zero, narcotráfico zero.

Queremos fazer um acordo para acabar com o narcotráfico.

Sabemos e estamos convencidos que o narcotráfico é um mal para a humanidade, porém que a luta contra o narcotráfico, que é a luta contra as drogas, que a cocaína não seja um motivo para que o governo dos Estados Unidos domine e submetam nossos povos. Queremos diálogo de verdade sem submetimento, sem chantagens e sem condicionamentos.

Queremos refundar o COMIBOL para reativar as minas em nosso país.

Nesse processo de mudança quero solicitar a comunidade Internacional que reflitam sobre a dívida externa. Com segurança os povos indígenas não são responsáveis pelo semelhante endividamento e sim resultados para os povos indígenas, isso não significa desconhecer essa dívida externa, porém é importante que também a comunidade internacional veja com responsabilidade, com seriedade e pedimos com todo respeito a condenação desta dívida externa que tem feito tanto mal e causado a dependência de nosso país.

A Bolívia necessita de sócios, não donos de nossos recursos naturais. Em nosso governo com segurança como temos dito, fará inversão pública, quero dizer empresas do Estado, seja em América, seja na Europa, ou na Ásia. Também faremos inversão privada, sócios do Estado, sócios de nossas empresas. Vamos garantir esta inversão, porém, garantiremos também que as empresas tenham todo o direito de recuperar o que investiu e ter o direito a taxa de ganância, só queremos que essa taxa de ganância seja com princípios de equilíbrio, que o Estado, o povo se beneficie destes recursos naturais.

É importante discutir e analisar profundamente estas políticas de comércio que estão vigentes seja a ALCA, a CAN, MERCOSUL ou TLC, temos que discutir se são mercados para os micros e pequenos empresários, se temos mercado para o que nos produzimos, empresas comunitárias ou Associações, Cooperativas, e se garantem este mercado, bem-vindo, porque se trata de garantir evidentemente mercados para os pobres, para essas organizações.

Como vemos, trata-se de um programa reformista na época que estas reformas não são mais possíveis, que semeia ilusões de desenvolvimento econômico, de que os imperialistas tenham compaixão, que os latifundiários irão devolver as terras “improdutivas”, que nacionalizará os recursos naturais, que todos terão a autonomia e que tudo será resolvido em uma Assembléia Nacional Constituinte.

A única diferença real que tem este governo é o caráter dualista de sua composição social (frente popular) que assim como o governo Lula poderá ir fundo nas reformas do interesse do imperialismo uma vez que conta

com a complacência das organizações operárias e camponesas.

Um grande dilema: Logo após a posse o dirigente dos cocaleiros já se lembrou dos acordos realizados pelo governo anterior, deve ser cumprido. As soluções estão em estudos. Tudo dependerá da Assembléia Constituinte.

A história dos governos de frente populares é conhecida, temos no Brasil um governo de frente popular totalmente imperialista, que o imperialismo não abre mão de sua reeleição. Que conta ainda, apesar de toda denúncia de corrupção com grandes chances de reeleição. Será que na Bolívia terá êxito em manobrar totalmente em favor do imperialismo? O Movimento operário e camponês boliviano não está Trotskizado, muito menos as ilusões no processo eleitoral fora esgotada. Mas será que após tantos conflitos e levantes de massa os operários e camponeses bolivianos ficarão presos a uma política de conciliação de classe por muito tempo?

Qual o novo campo de manobra da burguesia, caso as massas venham a se rebelar contra Evo Morales?

Como comportarão o imperialismo e suas ordens às casernas?

Até que ponto irá o nacionalismo bolivariano de Chaves, Evo Morales e a política de Castro nesta nova conjuntura Americana?

Infelizmente grande parte dos que reivindicam do Marxismo e do Trotskismo estão de braços dados com esta política de contenção das lutas independente e revolucionária das massas e tem papel importante como reprodutor deste anti-imperialismo, o Fórum Social Mundial. Um mundo novo é possível. Realmente só com a construção do Partido Mundial da Revolução Proletária. Partido programa que expresse os interesses históricos do proletariado Internacional. Um Partido que libere as massas para o governo dos Sovietes, da cidade e do campo. Desenvolvimento econômico será possível. Com a expropriação da burguesia e sua propriedade privada dos meios de produção, com a apropriação coletiva da produção social.

OS DESAFIOS DO MOVIMENTO DO PROLETARIADO REVOLUCIONÁRIO INTERNACIONAL

O Movimento Operário sofreu uma grandiosa derrota com a traição da Revolução Russa, da política do Stalinismo do Socialismo em um só país, dos crimes desta corrente que usurpou a história e se quis passar por Marxismo. A destruição do Internacionalismo proletário, a perseguição e o assassinato da vanguarda Internacionalista que ousava se levantar contra o Stalinismo. Nestas condições e principalmente, a total ausência da democracia operária de forma a possibilitar as contraposições da campanha infame do Stalinismo e do ódio de classe da burguesia mundial que já contava com a colaboração dos traidores da 2º Internacional na defesa do capital. Toda uma conjuntura desfavorável pela ausência do desenvolvimento de uma poderosa Organização (o Partido Mundial da Revolução proletária que fora brutalmente golpeado por Stalin). Na contra corrente a IV Internacional não pode ocupar o lugar que a classe Operária

necessitava não sendo assim possível a realização da Revolução política no sentido indicado por Trotski de expulsão da burocracia e a retomada do poder para as mãos dos Sovietes de forma a impulsionar a Revolução Mundial.

Desta forma vimos os acontecimentos históricos, a luta de classes dar fôlego à burguesia mundial, fôlego este agravado com o desfecho da volta dos Estados Operários degenerados ao capitalismo, passagem esta representada simbolicamente pela queda do muro de Berlim. O capital se sustenta da superestrutura, do mítico e da sua ditadura (A democracia formal). Assim, o episódio da derrubada do muro de Berlim foi um marco mítico que a burguesia utilizou para usarem nas Escolas oficiais e nas Universidades, nos meios de comunicação, nas igrejas. Assim como, por ocasião da juventude da Revolução Russa

contrapôs a Ditadura do proletariado (poder dos Sovietes e da Democracia Operária, decisões da maioria prevalecendo sobre a minoria exploradora e assassina) com a democracia em geral e a ditadura em geral. Com a queda do Stalinismo na condução dos Estados Operários do Leste, os comparou e mistificou-o ao Marxismo e ao Comunismo.

Estes acontecimentos históricos passaram a fazer parte da luta de classe e do materialismo histórico e dialético. Serviram para a burguesia golpear duramente as mentes, deram supremacia ideológica ao capital. Deram vazão para uma centena e milhares de revisionismo. Desde os que compararam diretamente a queda do Stalinismo como sendo a queda do Marxismo aos que utilizam destes acontecimentos para passar uma borracha nestes acontecimentos históricos e na luta de classe havida com a falácia de retomar aos clássicos do Marxismo (Marxilianos) e reconstituir o legado marxista. Pura charlatanice! No oposto, querer usar destes acontecimentos históricos para negar o marxismo e o comunismo, ou mesmo, negar o caráter da análise do papel dirigente que ocupa a classe operária na condução e na política da Revolução Proletária se utilizando da dialética e colocando o movimento social na melhor das formas da frente popular para sobrepor ao papel dirigente do movimento operário do sentido indicado por Marx, também se constitui em uma obra de pura charlatanice.

Negar o materialismo histórico e dialético, negar a luta de classe, negar os

objetivos históricos da classe operária e falar em nome do Marxismo ou como querem alguns de Marxilianos é obra pêra de charlatões.

Negar o papel do Partido Marxista centralizado na forma indicada pelo Leninismo e o papel das reivindicações transitórias e a luta econômica como ponte para a luta pelo Socialismo, como ponte de transformação da situação objetivamente revolucionária dadas pelo desenvolvimento das forças produtivas e as contradições advindas da relação de produção capitalista e sua propriedade privada dos meios de produção como pressuposto da transformação desta situação objetiva (situação pré-revolucionária) em situação subjetiva (revolucionária com a presença do Partido Marxista enraizado entre as massas) com o sectarismo da superação do fenômeno histórico de crise de direção do proletariado Internacional se constitui de puro idealismo e heroísmo pequeno burguês.

A defesa do Materialismo Histórico e Dialético como sendo o método fundamentado de Marx capaz de conduzir a classe operária, como classe e política dirigente rumo a Sociedade Socialista e ao Comunismo, não dá saltos, mesmo que seja com as justificativas de encurtar caminhos. A volta ao tempo e ao espaço longínquo negando um período histórico da luta de classe, querendo pular por cima deste é negar todo o método e o próprio legado do que se convencionou se chamar de Marxismo, é negar o próprio Marx.

RESOLUÇÃO DO 8º CONGRESSO DO POM DIANTE DAS PERSPECTIVAS DO COMITÊ DE ENLACE

Diante das últimas discussões e divergências clareadas nos últimos documentos de polêmicas entre FTI-CI (agora FLT) e o POM constatamos divergências programáticas que nos impede de qualquer união em um Centro Internacional, mesmo que, com um Centralismo Imperfeito. Que por mais que julgamos transcendental a Organização Internacional do proletariado Revolucionário não a concebemos na forma de uma frente sem princípios. Que as divergências estão agora

para nós já muito claras e bem assinalemos nos dois últimos documentos de polêmicas assinados em nome do POM que o Congresso faz seus.

O VIII Congresso do POM delibera por um Comitê de discussão aberto aos que reivindicam do Marxismo ressaltando a segurança que a luta de classe nos remete.

Um Comitê de Discussão aberto aos que reivindicam do campo do Marxismo,

amplo propiciando as discussões políticas Internacionalistas e sempre culminando com a

possibilidade do desenvolvimento de ações diretas na luta de classe Internacional.

A CONLUTAS

O VIII Congresso aprova nossa participação na CONLUTAS com a defesa da constituição do Movimento Operário Brasileiro como parte da Organização Internacional do proletariado, pelo Socialismo. Que por sua essência só pode se constituir na forma Sovietista, no combate a burocracia e aos burocratas, agentes burgueses no seio do proletariado. Que a Democracia Operária e o método da ação direta das massas, o Internacionalismo proletário, o poderio das Assembléias, o mandato dos dirigentes com o imperativo destas. Que a revogabilidade do mandato, seu revezamento e como cumpridores de ordens das Assembléias Gerais e Unitárias se constituem em arma contra a burocratização. Que a luta é pelo fim do capitalismo e sua propriedade privada dos meios de produção e não em reformá-lo ou melhorá-lo como

defendem e usam da enganação o reformismo de todas as matizes. Que a luta antiimperialista como querem realizar os PCs Stalinistas, a Igreja e as correntes que falam em nome do Marxismo e do Trotskismo como o PSTU brasileiro e agrupamentos do interior do PSOL se trata de um engodo e uma manobra que se conforma em uma frente popular de esquerda. Que a luta é pelas Repúblicas Sovietista e não parlamentar. Que a época das reformas ficou para traz na roda da história. Que não há luta anti-capitalista sem poder dos SOVIESTES, sem poder Operário e Camponês no caso brasileiro, sem a defesa das Organizações Revolucionária e o conseqüente armamento do proletariado, sem os Comitês de Fábricas com vistas ao controle e a administração estas em um plano único.

A CRISE DE SUPERPRODUÇÃO CAPITALISTA E A CRISE DE DIREÇÃO DO PROLETARIADO INTERNACIONAL

Todo pressuposto de intervenção consciente do ponto de vista dos interesses históricos da classe operária e esse deve ser nosso objetivo principal no Movimento operário, popular, estudantil, camponês e no seio dos oprimidos deve partir de uma análise das condições históricas em que nos encontramos. Das raízes e da essência da crise em que o mundo capitalista atravessa, da contradição entre a relação de produção capitalista imposta pela propriedade privada burguesa, que advém da apropriação individual da produção coletiva, a exploração do trabalho, (mais-valia), a concentração do capital de um lado e de outro, miséria a milhares e milhões de seres.

Com a traição e golpe sofrido pela classe operária internacional, traição da Revolução Russa e a destruição da III Internacional Comunista; com o assassinato de Trotsky e os rumos que tomou a IV Internacional, centenas de grupos e até seitas, na maioria das vezes isoladas das massas e às

vezes com uma política de adoração a estas ou ainda da própria “democracia”, levou à conformação de um ambiente de impotência e de reforço à política social democrata e a conciliação de classe, aprofundando ainda mais o fenômeno da crise de direção.

A consigna de **Socialismo ou barbárie** se tornou evidente. As crises cíclicas do sistema capitalista se tornaram crônicas e a crise de superprodução se elevou a níveis incontroláveis. O desemprego, baixos salários, aprofundamento da política neoliberal, com privatizações, destruição dos serviços públicos, dos direitos sociais, aprofundando a violência de milhares e milhões de seres. As guerras imperialistas (como o foram a 1ª e a 2ª) se tornaram nos dias de hoje, por assim dizer, permanente, em regiões estratégicas.

Já no final do século XIX e início do século XX, quando da fusão do capital industrial com o bancário, resultando no capital financeiro, com o domínio deste no mundo, as reformas do interesse dos trabalhadores se

tornaram tarefa do processo revolucionário, em que a classe operária deve ser a força motriz.

Estas conclusões e análises da situação mundial nos colocam a necessidade de dois níveis de organizações históricas:

- 1) A construção do Partido da Revolução Mundial com um programa que expresse os interesses históricos do proletariado mundial. Hoje, com o aprofundar da crise capitalista de superprodução, com toda a problemática de confusão, desânimo, distorções do pensamento operário, esta tarefa se tornou transcendental e de uma dificuldade também de mesmo porte e só será cumprida com o trabalho de resistência proletária internacional, de paciência revolucionária e com uma acentuação muito maior do caráter da democracia operária. As tendências e as frações devem conformar toda uma teia de um corpo único movido pelo centralismo democrático no seio do movimento operário e socialista internacional rumo à expropriação da propriedade privada burguesa e a conseqüente coletivização desta, rumo ao Socialismo como caminho do Comunismo.
- 2) Toda formulação contida no ponto um se torna letra morta se não tiver alicerçada na luta prática e diária no caldeirão da luta de classes. As reivindicações, as tormentas, os anseios do proletariado nacional e internacional devem ser nosso guia e uma ponte para a luta e organização independente dos oprimidos rumo ao socialismo. Aqui se assenta a necessidade da construção de uma Central tipo Soviética.

O que será esta Central? Uma central das correntes revolucionárias como faz questão

de escrever nos relatórios a coordenação da CONLUTAS? A defesa da Central Proletária não se fundamenta por ser uma união das correntes revolucionárias ou socialistas e sim, em dotar o movimento operário, camponês, estudantil e popular brasileiro com uma política e formas de organização que correspondam aos interesses históricos do proletariado mundial. Este é o diferencial.

Esta forma de organização já fora fundamentada pelo Movimento Operário Internacional, assinalando que na época da burocracia sindical e a estatização dos sindicatos a ordem das organizações operárias passou a ser: Partido, Sovietes e Sindicato.

A política do proletariado correspondente à fase superior do capitalismo (imperialista) pressupõe não enganar as massas da cidade e do campo com possibilidade de concretizar reformas de nosso interesse dentro deste sistema. Mas, isto não significa abandonar a luta pelas reivindicações destas, pelo contrário. Nossa disposição de luta por estas reivindicações deve ser superior a todo e qualquer agrupamento, pois sabemos que até os partidos e agrupamentos burgueses estão presentes nas lutas do proletariado e suas reivindicações.

Nossa tarefa é a de organizar a luta direta pelas reivindicações imediatas dos trabalhadores, dar vazão às energias das massas, organizando-as nos sindicatos, nas comissões de fábricas, nas oposições sindicais, nas escolas com os grêmios, CAs e DAs, no campo, nos bairros, nas Associações e Movimentos. Uma organização que seja capaz de corresponder aos anseios das massas e a seus objetivos históricos só pode ser a da união pela base, nas suas organizações próprias, cumprindo assim a Central a centralização nos Comandos de base ou Conselhos de Base e uma estrutura organizativa a nível nacional além da luta para torná-la internacional.

OS COMANDOS DE BASE OU CONSELHOS DE BASE

Para que esta forma de organização se dê, e para que envolvamos as massas nesta a democracia operária, não compreendendo somente a votação de maioria e minoria e sim o exercício desta em toda sua plenitude se torna indispensável. Esta Democracia operária

pressupõe que as decisões sejam tomadas por estas bases. As **Assembléias operárias e populares** se manifestarão, aqui sim, com independência de classe e já darão os primeiros passos no sentido da manifestação comunal, da necessidade do seu armamento e da ditadura

das massas sobre os exploradores capitalistas. Só assim podemos ser conseqüentes nas reivindicações de: romper com o imperialismo, não pagar as dívidas externa e interna aos capitalistas e ao imperialismo; só assim podemos falar da repartição da terra dos latifúndios (Revolução Agrária e não Reforma Agrária); só assim podemos falar com todo potencial, **abaixo o capitalismo, viva o Socialismo!**

Para que esta forma de organização se dê, e que envolvamos as massas nesta democracia operária, será necessário que as direções destes organismos tenham seus mandatos revogáveis a qualquer momento pelas Assembléias Gerais livres;

Para que esta forma de organização se dê, e que envolvamos as massas nesta democracia operária, os dirigentes destas organizações e movimentos não poderão viver do movimento e sim viver para o movimento. A remuneração será a mesma de sua profissão, sem nenhum privilégio, será exercida uma rotatividade destes dirigentes e seus mandatos serão imperativos das Assembléias, ou seja, terão a representação para executar as ordens das Assembléias e não para fazer, pensar, falar e decidir em nome destas.

- Abaixo a política dos burocratas e de conciliação de classes!
- Viva a organização independente do proletariado internacional!
- Viva a Democracia Operária!
- Viva a luta pelas reivindicações imediatas: emprego para todos, salário mínimo real conforme se paga nos países imperialistas de (800 a 1200 dólares ou R\$ 1800 à R\$2800,00);

manutenção e ampliação dos direitos trabalhistas e sociais dos trabalhadores; defesa da saúde pública para todos; terra e condições de trabalho para todos os camponeses; estatização do sistema bancário e sua transformação em um banco único para financiar a produção coletiva e o usufruto coletivo na cidade e no campo; Escolas e Universidades de boa qualidade (estatal e controlada pela comunidade escolar), gratuita e laica para todos, fins da marginalização e discriminação dos vestibulares.

- Viva uma Central Operária em que reúna todos os lutadores da cidade e do campo, pela base, como SOVIETES, no início como agrupamento de todos os lutadores (do Movimento Operário e Sindical da Cidade e do Campo, do Movimento Camponês, Estudantis, Associativo, de gêneros, em fim dos oprimidos), na democracia operária e na luta direta e no caminhar desta luta e organização, como SOVIETES mesmo;
- Viva uma Central Operária que seja a casa dos oprimidos pelo capital em uma trincheira de luta das massas, com o Movimento operário dando as formas de Organização e de luta, direcionando-a;
- Abaixo a dominação do capital e sua barbárie;
- A classe operária é Internacional; Viva a luta Operária e Camponesa Intenacional;
- Viva a Luta pelo Socialismo.

A FORMAÇÃO DE UM PARTIDO REVOLUCIONÁRIO

Introdução

Muitas pessoas costumam dizer em alto e bom som: “Eu não gosto de política!”. Mas mal sabem essas pessoas que todas as coisas que fazem ou das quais participam estão ligadas a questões políticas.* Essa aversão à política por grande parte das pessoas está relacionada com a ideologia incutida pela tal de “democracia burguesa”, a ditadura da minoria

sobre a ampla maioria. Na democracia burguesa, ocupa papel central o sufrágio universal, em que cada cidadão, quando muito, vale não mais que um voto; portanto, uma questão apenas de número. É, por assim dizer, o regime da representatividade: “Você escolhe seus carrascos de tempos em tempos e espera que façam alguma coisa por você”. Outro fator resultante desta aversão é o fato da maioria das pessoas não terem acesso ao real significado

dos acontecimentos históricos por meio do estudo. Não obstante, os meios de comunicação (quase todos burgueses!) distorcem ou omitem os fatos a todo o momento; a igreja se encarrega de apaziguar os males da grande massa – “orando a Deus, todos os problemas se resolverão; e ainda tem o futebol, objeto de veneração pelas massas, mas que só lhes servem igualmente como a cachaça serve ao bêbado. Estes fatos, acreditamos, são os principais motivos pelos quais uma pessoa diz: “Eu não gosto de política!”. Mas não devemos cair nessa!

Partido revolucionário versus partido burguês

Uma outra questão é muita gente confundir as coisas e colocar todos os partidos políticos num mesmo saco. Realmente, todos os partidos políticos burgueses, isto sim, devem ser colocados num mesmo saco, pois servem aos interesses da grande burguesia, ou seja, do grande capital. O que não se pode confundir é o real significado de um partido político revolucionário, e a primeira tarefa daqueles que queiram se tornar militantes revolucionários de verdade é explicar bem a todas as pessoas o que significa um *partido revolucionário*. Ora, mas isto não é lá muito fácil de fazer, visto que a maioria das pessoas também tem enorme repulsa a partidos políticos. Nosso papel, portanto, é explicar as diferenças, procurando separar o “joio do trigo”, para nos referirmos a um provérbio popular. Por isso, devemos: explicar que um partido burguês está do lado dos exploradores capitalistas e que um partido revolucionário (deve) estar do lado dos explorados, de todo o operariado; explicar que através do estudo da história, do *passado* e do *presente*, é possível entender as contradições da sociedade em que vivemos; explicar que o partido revolucionário luta por igualdade, mas que para isso se realizar é necessário abolir a propriedade privada dos meios de produção e com ela a burguesia e seus partidos; explicar, por fim, que o partido revolucionário tem por meta pôr abaixo o capitalismo e implantar o socialismo, que é a expropriação da burguesia, sendo que o produto dessa expropriação será a coletivização dos meios de produção: das fábricas, das terras, etc.

Esperamos que o conteúdo desta singela exposição contribua para as discussões referentes às tarefas (árduas) teóricas e práticas que temos pela frente na construção do POM como sessão da IV Internacional. Tarefa que é de construção, com persistência e paciência. Pode ser que não estejamos vivos quando o nosso partido estiver maduro, mas teremos plantado as sementes; dure 10 anos ou dure 100 ou mais, essa é a nossa tarefa!

A questão da necessidade da construção de um partido revolucionário

Mas por que é necessário um partido revolucionário? Ora, a burguesia (representada por seu Estado) é forte porque é centralizada e os seus elementos mais avançados, a sua vanguarda, defendem os seus interesses direta ou indiretamente no interior de um partido político burguês, no qual enfim, defendem a sua democracia (formal). O proletariado, por sua vez, como maioria esmagadora e como classe explorada, para defender seus interesses, tem que estar organizada, e a única forma de isto acontecer é seus elementos mais avançados se organizarem num partido revolucionário, que será o partido desse proletariado, que o defenda e que o dirija; a luta que este partido deve travar com a burguesia deve ser tanto uma luta política como uma luta pela conquista do poder em todos os sentidos. Ou seja, como a luta de classes – que é o motor da história – é a luta ininterrupta e encarniçada de duas classes sociais antagônicas e irreconciliáveis, o proletariado deve enfrentar a burguesia de igual para igual organizado verdadeiramente, como classe para si, em partido revolucionário. O partido revolucionário deve deste modo corresponder (dar as respostas) às necessidades e aos anseios da classe proletária.

A burguesia não hesita um só momento se tiver que combater o proletariado, e combate mesmo a ferro e fogo, fazendo uso da força física como de armas ideológicas, além das leis. A burguesia, ao tentar derrotar o proletariado, procura, às vezes, desvirtuar as organizações operárias, submetendo-as a sua legislação, e outras vezes, destruí-las fisicamente, como é o caso do fascismo. Por isso, temos que nos organizarmos num partido revolucionário enfrentar a burguesia e, um dia, vence-la!

Partido e Programa

Dizia Leon Trotski que “o significado do programa é o significado do partido”. Precisamente, o que significa isso? Ora, que os partidos têm de expressar seus objetivos no seu *programa*, que é o documento fundamental e que dá as bases para a sua conduta e sua forma de organização. Mas, mais especificamente o partido revolucionário é a expressão da consciência de classe do proletariado. Sua existência como programa e sua penetração no seio das massas mostram que a classe operária iniciou o processo que a transformará em classe para si. No seio de um partido revolucionário o estudo da teoria é importante, mas igualmente importante é a prática de seus militantes; a teoria deve corresponder à prática, ambas se fundindo no programa do partido.

Falamos acima de organizações operárias. As primeiras organizações operárias que surgiram ao longo da história, como consequência do lugar que ocupam no processo de produção, foram os sindicatos. Os sindicatos surgiram como forma de luta para lutar contra a prepotência dos capitalistas dos burgueses. Os primeiros sindicatos surgiram na Inglaterra com a Revolução Industrial. A outra organização operária a que já nos referimos acima é o partido revolucionário. São as duas organizações próprias da classe operária, que aparecem juntamente com o proletariado, mas em momentos distintos de sua evolução.

Importante: Os sindicatos surgem para oferecer resistência à exploração capitalista e abusos dos patrões. O ideal que aconteça – e é o que sempre esperamos – é que a luta sindical passe de instintiva e econômica à luta política consciente. E naturalmente, desde sua origem, o objetivo dos sindicatos é a luta pelas reivindicações imediatas – a dor de barriga de cada dia. Mas tudo isso é necessário porque esses caminhos têm que ser percorridos, de modo que o operariado se estruture como classe. Se estruturar como classe é uma coisa; outra coisa é esta classe estar preparada para dirigir a luta pelo poder político e conseguir a consolidação da vitória revolucionária. Neste caso, é preciso que esteja organizada no partido político do operariado.

O partido operário é a expressão da consciência de classe do proletariado e não é fruto apenas da imaginação ou resultado de atividades meramente agitativas; é, sim, uma

organização que corresponde a certa necessidade histórica, ou seja, é uma das consequências do desenvolvimento do capitalismo.

Tendo a classe proletária adquirido consciência, eis que luta pela sua libertação, pela destruição da propriedade privada dos meios de produção e por instaurar a sua própria ditadura, a *ditadura do proletariado*. Daí a necessidade insubstituível de forjar um poderoso instrumento político, o que é indispensável pela sua situação de exploração e de privação dos meios de produção culturais do proletariado.

Mas não nos enganemos. Existem muitos partidos por aí falando de socialismo e que se reivindicam da classe operária e até mesmo da revolução. Muitas vezes não passam de eleitoreiros, o que torna difícil reconhecer qual deles é o verdadeiramente revolucionário. Tais partidos não têm programa e quase sempre só ficam na teoria. Por isso, acreditamos que nosso embrião de partido, o *POM*, está no caminho certo, pois temos procurado atuar fundindo a teoria com a prática, mesmo que às vezes de forma muito débil, mas isto devido às nossas “pernas”.

A participação nos sindicatos e nos parlamentos

Para que um partido operário adquira base sólida é necessário estar inserido no seio das massas; é condição indispensável participar dos sindicatos; necessário é também participar nos parlamentos burgueses, por mais reacionários que sejam. É claro que não devemos guardar ou levantar esperanças no parlamento, muito menos nas eleições; o parlamento deve ser usado como espaço de agitação e denúncia das falcatruas burguesas, culminando com a necessidade de sua própria destruição bem como o capitalismo. A participação tanto nos sindicatos como nos parlamentos resultou como condição obrigatória para adesão à III Internacional em seus quatro primeiros congressos.

Temos clareza que a participação nos parlamentos não é prioridade, pois os revolucionários não podem fazer dessa instituição um meio carreirista, como o fazem os burgueses e pequeno-burgueses. Nossa participação nos parlamentos está condicionada a termos um *partido revolucionário forte*, de

quadros, nos moldes do bolchevismo, compreendendo inclusive o caráter do trabalho legal e ilegal, tendo claro também que o parlamento burguês se constitui na forma de representação predileta dos capitalistas.

Por outro lado, temos atuado pacientemente no interior dos sindicatos sempre de acordo com os princípios da democracia operária. Mas temos plena consciência de que atuar em sindicato não é o mesmo que atuar em partido: o sindicato proletário, como entendemos, é uma forma elementar de frente única de classe. Para adesão sindical não se exige acordo programático, resultando em uma mescla de posicionamentos políticos e mesmo programáticos, mas sim e unicamente ao fato de trabalhar em determinada fábrica, escola ou empresa. A atuação revolucionária nos sindicatos se dá conhecendo suas limitações referente ao corporativismo, na fase imperialista do capital sua maior estatização e um grande grau de burocratização de seus dirigentes, fazendo com que se coloque na ordem do dia o mais irrestrito controle da base desses dirigentes. A defesa da revogabilidade dos mandatos dos dirigentes pelas assembléias; a defesa de nenhum privilégio econômico ou de outro nível a estes, a rotatividade destes dirigentes no sentido de não perder seu referencial de classe e a luta pela construção de organismos superiores entre as massas, na forma dos Soviets. E cientes de que, na fase em que se encontra o capitalismo, as condições mínimas de vida do proletariado acabam chocando-se com os esteios mestres desse regime, colocando assim a necessidade da defesa de um programa de reivindicações transitórias, ou seja, transformar as reivindicações diárias e imediatas dos assalariados em pontos da luta para por fim ao regime do capital com a devida socialização

dos meios de produção como condição para estas reivindicações serem atendidas em seu todo.

Fato digno de nota é que sindicato e Partido não são organizações antagônicas ou totalmente estranhas entre si; pelo contrário, estão relacionados mutuamente. Todos os sindicatos, mesmo os mais atrasados, são lugares privilegiados, pois, além de serem locais onde os trabalhadores explorados estão organizados (ligados ou não à produção), adquirindo sua experiência diária, constituem o ponto de partida para que se torne possível a compreensão do programa revolucionário e da luta política.

A organicidade e as finanças.

Esta questão nos *parece* simples. Em primeiro lugar, a leitura e o estudo resolverão, pela via do *esforço e persistência*, muitos de nossos problemas de formação. A organicidade está intimamente ligada ao exercício da Democracia Operária, ou seja, é a vida e a prática do Centralismo Democrático, como síntese da Democracia Operária em matéria de construção partidária Marxista. Ou seja, a mais ampla democracia operária no seu interior e uma só linha no exterior, para que possamos atuar nacional e internacionalmente no seio dos movimentos rumo à conquista do poder político e a conseqüente revolução social. Em segundo lugar, vêm as finanças: qualquer Partido (inclusive burguês) que se preze deve ter seu jornal, que é o instrumento de divulgação de seu programa e certamente, para termos este órgão funcionando não vamos esperar milagres ou doações. O Partido operário deve andar com suas próprias “pernas”, deve se manter com a cotização de seus militantes, pontualmente – e isto de fato é o que fará o Partido funcionar.